

Transformar o mundo em um lar: a parábola do bom samaritano

O Senhor quis responder à pergunta “quem é meu próximo?” com uma parábola que tem três protagonistas: um hospedeiro, um samaritano e um judeu. Uma história que convida a transformar o hotel deste mundo em um verdadeiro lar.

22/03/2022

Poucos edifícios expressam de modo mais exato a globalização da sociedade contemporânea do que um hotel. Reduzindo-o a seus componentes fundamentais, trata-se de um teto e de serviços para acolher os clientes. Aí reside também a sua situação paradoxal, já que é um lugar anônimo e de certa forma despersonalizado que tenta suprir os elementos que são para nós mais íntimos e necessários; em suma, o próprio lar.

Não pode, por isso, deixar de chamar a atenção que uma parábola que pretende responder à pergunta “quem é meu próximo?” (Lc 10, 29) tenha como cenário uma pousada, um modesto hotel de povoado. Pareceria mais lógico falar de uma família ou da relação entre amigos para dar exemplo do amor genuíno. O Senhor prefere, no entanto, descrever a relação entre três desconhecidos: um hospedeiro, um

samaritano e um homem ferido. Embora o relato de Cristo não ofereça todos os detalhes do acontecimento, poderia ter acontecido como relatamos a seguir.

O olhar do dono da pensão

Podemos imaginar que o dia transcorria normalmente como sempre. Clientes que saíam e clientes que chegavam. Preparar as refeições e arrumar os quartos. Ele não era muito dado a interrogar os forasteiros sobre as suas vidas. Se aprendeu alguma coisa nestes anos como estalajadeiro foi que não há nada como a discrição. Considera-a parte do seu ofício, como servir refeições, oferecer um teto sob o qual dormir e fogo de lareira para aquecer-se.

Essa aparente normalidade, porém, se desvanece quando ele vê chegar o samaritano acompanhado por um judeu ferido. E não é só: surpreende-

o a extrema delicadeza com que aquele trata o homem doente. As feridas estão vendadas e curadas; o jumento, preparado para uma viagem rotineira, acabou tendo que carregar o peso inerte de uma pessoa quase morta. O hospedeiro entende logo o que aconteceu: “O milagre de uma pessoa amável, que deixa de lado suas inquietações e urgências para prestar atenção, para oferecer um sorriso”^[1].

Juntos levam o judeu a um quarto. O dono da hospedaria aproxima-se dele e comprova que continua, efetivamente, respirando. Não pode evitar um suspiro de alívio. Depois de deixar o ferido na cama, desce e encontra o samaritano contemplando, cansado, as chamas do fogo. Sente a necessidade de aproximar-se dele para perguntar o que tinha acontecido. É estranho, porque se há algo que ele respeita em seu ofício é a discrição. É, porém,

tal o carinho que viu neste estrangeiro que não se contém. Senta-se ao seu lado e, olhando o fogo, escuta atentamente o relato do samaritano.

A emoção do samaritano

Imaginamos o forasteiro contando suas experiências deste dia, embargado pela emoção, mas com simplicidade. Enquanto o vento sacode levemente as frágeis paredes da pensão, aceita a bebida quente que o hospedeiro lhe ofereceu para repor as forças. Precisa disto, porque desde que tinha visto o ferido deitado sem forças na beira do caminho para Jericó, não tinha parado. Não podia negar que quando o viu “sentiu compaixão” (Lc 10, 33), foi como uma “luz fulminante da misericórdia que alcança a sua alma”^[2].

Tinha decidido então deter-se sem se importar muito com os negócios a

realizar. Com a comida para a viagem, um pouco de azeite e vinho, fez um unguento com o qual cuidou das feridas que ainda sangravam. Depois, com uma tira de seu manto, improvisou uma atadura e colocou o infeliz em sua cavalcadura. Tinha-lhe parecido entender das palavras entrecortadas do ferido que, pouco antes de sua chegada, um sacerdote que “estava descendo por aquele caminho, viu o homem, e seguiu adiante” (Lc 10, 31), e que um levita fizera a mesma coisa. Quando o samaritano acaba seu relato repara na expressão admirada de seu anfitrião. Os dois, porém, percebem que se fez tarde. Desejam um bom descanso um ao outro e vão para seus respectivos quartos.

As recordações do judeu

Em meio ao silêncio da noite, o pobre judeu parece despertar. Não sabe onde está. Só pode afirmar com

certeza que todo o corpo lhe dói e sente, ao mesmo tempo, na alma uma dor mais profunda que a das suas feridas e contusões. Sua cabeça vai talvez para seus seres queridos, preocupados por não terem notícias suas. Tenta por isso levantar-se e ir para casa, mas percebe que não consegue.

O judeu talvez comece a relembrar tudo o que lhe havia sucedido naquele dia. Recorda-se bem dos assaltantes, que “arrancaram-lhe tudo, espancaram-no, e foram-se embora deixando-o quase morto” (Lc 10, 30). Não lembra bem do que aconteceu depois. Tem na cabeça as pessoas que o viram e passaram ao largo enquanto ele, do jeito que podia, suplicava por ajuda.

Assalta-o uma imagem, a do samaritano, e percebe que foi ele que lhe fez os curativos e o trouxe a este lugar. Não sabe como expressar o

agradecimento a este estrangeiro. Não tinha sido chamado por ninguém para complicar a própria vida desta maneira. Lá estava, no entanto. “Quando se faz justiça a seco, não vos admireis de que a gente se sinta magoada: pede muito mais a dignidade do homem, que é filho de Deus. A caridade tem que ir dentro e ao lado, porque tudo dulcifica, tudo deifica: *Deus é amor*. Temos de agir sempre por Amor de Deus, porque torna mais fácil querer bem ao próximo e porque purifica e eleva os amores terrenos”.^[3]

Na manhã seguinte, o samaritano “pegou duas moedas de prata e entregou-as ao dono da pensão, recomendando: 'Toma conta dele! Quando eu voltar, vou pagar o que tiveres gasto a mais'” (Lc 10, 35). Não se tratava de um pedido comum. Embora o samaritano o estivesse convidando a realizar uma tarefa relacionada com o seu trabalho

profissional, ela ia bem além do que se podia pedir-lhe. Desde quando uma hospedaria era um lugar para cuidar de feridos? O hospedeiro teria, além disso, outras tarefas, a sua família, projetos a realizar. Entre eles, porém, já havia despertado a confiança que surge do verdadeiro carinho para com os mais necessitados. No dia anterior, o hospedeiro havia descoberto que todos nós “somos convidados a convocar e encontrar-nos em um ‘nós’ mais forte que a soma de pequenas individualidades”^[4]. O amor desinteressado do estrangeiro tinha-lhe aberto os olhos para perceber a caridade e o serviço que se esconde em qualquer trabalho bem feito, no dele também, porque “cada um na sua tarefa, no lugar que ocupa na sociedade, tem que sentir a obrigação de realizar um serviço de Deus, que semeie por toda a parte a paz e a alegria do Senhor”^[5]. O teto de sua pousada era agora mais que

um simples teto, porque havia abrigado um ferido; o suor do seu rosto, com que se esforçava para conseguir o sustento necessário para a sua família, também tinha confortado um necessitado.

Neste sentido, Jesus nos convida através da parábola do bom samaritano a transformar o hotel deste mundo globalizado em um verdadeiro lar para todos os homens e mulheres; em um lugar no qual “se universaliza o conceito de próximo, mas permanecendo concreto”^[6], seguindo o exemplo de Cristo que, sendo Deus, quis fazer-se homem para estar muito perto de cada um de nós. Ele nos dirige, Ele mesmo, as palavras com que conclui a explicação desta parábola: “Vai e faze a mesma coisa” (Lc 10, 37).

Gaspar Brahm Mir

[1] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 224.

[2] J. Ratzinger, *Jesus de Nazaré* 1.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 172.

[4] Francisco, *Fratelli tutti*, n. 78.

[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 70.

[6] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 15.

Gaspar Brahm Mir

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/
transformar-o-mundo-em-um-lar-a-
parabola-do-bom-samaritano/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/transformar-o-mundo-em-um-lar-a-parabola-do-bom-samaritano/)
(06/08/2025)